



Uberlândia, 6 de outubro de 2025.

Caras alunas e alunos da professora Joelma,

Lemos com viva emoção as quatro cartas escritas por vocês, neste segundo semestre de 2025, dirigidas à equipe do Núcleo de Alfabetização Humanizadora, o NAHum, do qual faz parte também a professora Joelma, minha aluna no mestrado e no doutorado, e, acima de tudo, uma grande amiga de quase trinta anos. As cartas foram encaminhadas para todos os membros que, ao delas tomarem conhecimento, se sentiram impactados pelos comentários e depoimentos.

Quando escrevemos nos boletins do NAHum; quando gravamos os podcasts; quando postamos vídeos, depois de planejarmos cursos ou *lives*; quando publicamos conteúdos criados por professoras e por crianças, temos a clara intenção de promover a troca de conhecimentos com os nossos ouvintes e leitores em potencial, professoras e professores, alunas e alunos dos cursos de Pedagogia e, quem sabe, de cursos de Letras deste nosso país, os que são frequentados presencialmente e os visitados virtualmente.

Nossa intenção é a de promover discussões em torno de conteúdos e metodologias de alfabetização alternativos em relação aos modelos e materiais hegemônicos divulgados e impostos por secretarias de educação municipais, estaduais e pelo Ministério da Educação. Somos, portanto, um movimento contra a hegemonia dos programas, dos conteúdos, dos métodos e das avaliações de natureza oficial. E por quê? Vocês bem escreveram em suas cartas, porque perceberam claramente nossas propostas. A resposta a esta pergunta reside na compreensão de que o ambiente da alfabetização é construído na relação livre, emancipadora e humanizadora entre professoras, professores, alunas e alunos das escolas. Os programas oficiais, ao longo de sua história, sempre oprimiram, reificaram

os seres, esmagaram as relações humanas e impediram o processo de humanização que tem como alicerces a cultura da vida, do cotidiano, do entorno das crianças e das professoras.

A cultura do povo é raiz onde o ser biológico finca os pés para nascer e se desenvolver como humano. Os materiais estranhos, vindos sabe-se lá de onde, com os métodos inventados sabe-se lá por quem, ignoram e desqualificam a cultura, a raiz onde as crianças têm os pés fincados. Sem raiz, como árvores vulneráveis ao vento, elas encontram obstáculos para se humanizarem porque não há referências culturais; ficam soltas em espaços ocupados por vozes e culturas estranhas. Neste cenário, a linguagem escrita a ser apropriada pelas crianças não se encontra com a cultura de seu entorno, nem se qualifica como uma construção cultural humana. Ao contrário, se apresenta como uma invenção seca, desprovida de vida, pertencente a alguém fora de seu mundo, pertencente ao mundo escolar e, por isso mesmo, como um objeto a ser rejeitado.

A metáfora das lagartas em casulo e, posteriormente, das borboletas com asas a voar, escrita em uma das cartas, espelha vivamente como princípios e propostas metodológicas alternativas humanizadoras fazem bem para a alma humana, para a alma de professoras, professores, alunas e alunos. A liberdade de criação é a substância da alegria e da satisfação que sentem os seres humanos! Quando se tornam cocriadores da cultura humana, sentem-se invadidos por sentimentos inimagináveis, nem sempre sentidos por aqueles que nada criam, nem cocriam, porque obrigados são a cumprir e a executar instruções planejadas por outros que detêm poder político ou hierárquico.

Felizes não são as crianças e as professoras que têm negadas suas raízes culturais e que cumprem instruções insensatas. Felizes são as crianças e professoras que participam ativamente da cocriação cultural humana nos ambientes das escolas.

Esperamos, portanto, que vocês sejam, como professoras e professores, borboletas felizes, cocriadoras, com as crianças, da vida e da cultura de todos os dias.

Um beijo para vocês,

Dagoberto